



Animais, animais imaginados.

Figurinhas proto-históricas da
Cachouça (Idanha-a-Nova, Beira
Interior)

Raquel Vilaça | Universidade de Coimbra | Faculdade de
Letras (DHEEAA-IARQ) | CEAACP

com a colaboração de
José Luís Madeira | Instituto de Arqueologia - FLUC
Miguel Rodrigues | Mestre em Arqueologia e Território - FLUC

*Onde os homens podem ser deuses,
os animais podem ser homens.*

Mia Couto, *A Confissão da Leoa*, 2012



A escultura proto-histórica, tema que nos foi solicitado tratar para este “Boletim”, tem muitos matizes. Tomando como pressuposto que o conceito pode ser entendido num espectro largo, deixámos de lado a grande escultura em pedra, humana ou animal, e optámos por três figurinhas zoomórficas.

Aquela levar-nos-ia às esculturas dos designados “guerreiros galaico-lusitanos” e dos “berrões” (ou *verracos*), se quiséssemos pensar numa Idade do Ferro já tardia, a entrar em tempos romanos; ou às expressivas esculturas e relevos ornamentais, baixos e altos, da Cultura Ibérica; ou ao mundo das estelas e estátuas-menires da Idade do Bronze, i.e., à proto-estatuária, neste caso a termos de recuar ainda, e pelo menos, ao III milénio a.C.

Qualquer uma destas temáticas tem sido recorrentemente explorada por inúmeros investigadores, tal é a plêiade de questões a gravitar em seu entorno. Justamente, um novo projecto internacional e interdisciplinar agora a começar — *The Iberian stelae of the Final Bronze Age: iconography, technology*

and the transfer of knowledge between the Atlantic and the Mediterranean —, com coordenação de Ralph Araque Gonzalez (Universidade de Freiburg) e financiado pela *Deutsche Forschungsgemeinschaft* (DFG), tem na Universidade de Coimbra um dos principais parceiros, onde também por esta altura se inicia, em conexão, um projecto de doutoramento da responsabilidade de Pedro Baptista.

Portanto, dessas primeiras expressões escultóricas de grande vulto ocupar-nos-emos nos próximos tempos, guiados por um questionário inovador. Neste momento são três figurinhas zoomórficas que centram a nossa atenção, aqui abordadas com carácter divulgativo. Duas encontram-se fragmentadas, sendo arriscado afirmar quais são os animais representados. A figurinha completa é exageradamente estilizada para dizermos, sem hesitação, que animal está figurado. Em bronze, duas, em argila, uma, todas elas, com distintos níveis de análise, são já do conhecimento público especializado, mas nunca foram tratadas conjuntamente, como agora se faz, e menos ainda com a encenação atrevida em termos gráficos, que se propõe.

O contexto de achado destas três peças conduz-nos até à Cachouça (Idanha-a-Nova), zona planáltica, em esporão, sobranceira à barroca da Canada, afluente do rio Torto e depois Ponsul (Fig. 1, 2, 3). Os trabalhos de campo (prospecções e escavações) demonstraram que teve ocupação no Neolítico Final/ Calcolítico, aparentemente efémera; depois, e após mais de 2500 anos para os quais não se conhecem quaisquer vestígios, o sítio voltou a ser ocupado na Idade do Bronze, entre finais do II e inícios do I milénio a.C., ocupação que se prolongou pela I Idade do Ferro, até aos sécs. VII/VI a.C. As duas figurinhas em bronze datam daquela fase e não podem deixar de se relacionar com o mundo atlântico. A peça em terracota é posterior e articula-se com ambientes meridionais de matriz normalmente designada por “orientalizante”.

O lugar da Cachouça é dos mais interessantes da Beira Interior. Habitado e vivenciado por comunidades culturalmente “em transição”, a combinatória integrada das estruturas, designadamente um talude elipsoidal (Fig. 4 e 5), de materiais e suas de(dis)posições, bem assim de “arte rupestre” (*fossettes*), é compatível com a existência de actividades rituais envolvendo marcadores de elevada carga simbólica cenicamente articulados (Vilaça, 2007). Entre eles estão os animais protagonistas neste trabalho, que não podem ser entendidos desconexos do espaço comunitário e sacralizado, também por eles e com eles construído.



Fig. 1- Cachouça (vista aprox. de W/SW), observando-se ao centro na linha do horizonte a silhueta de Monsanto.



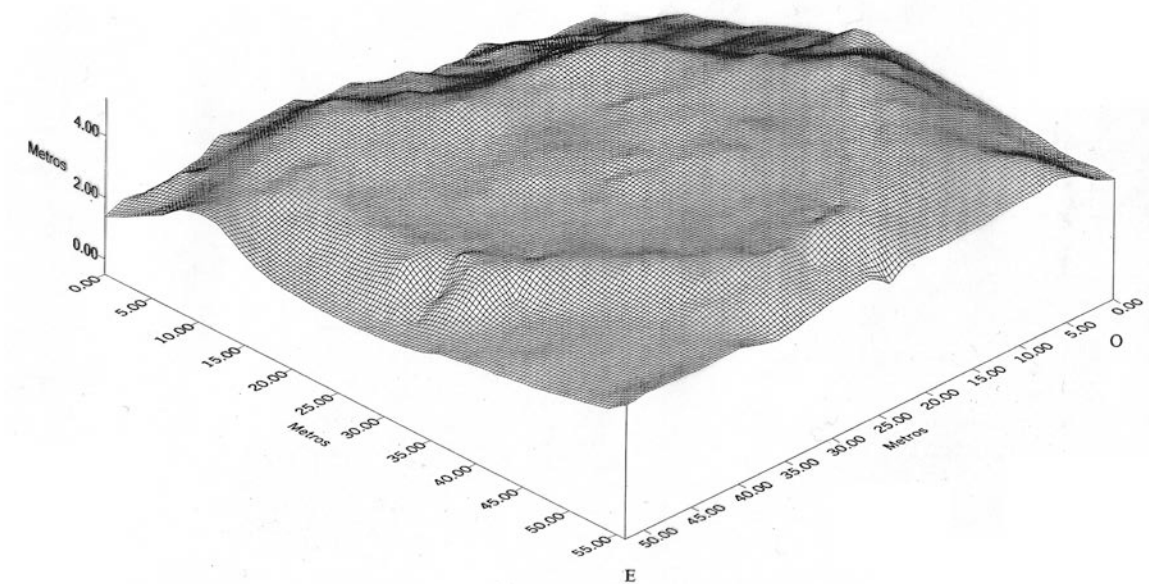
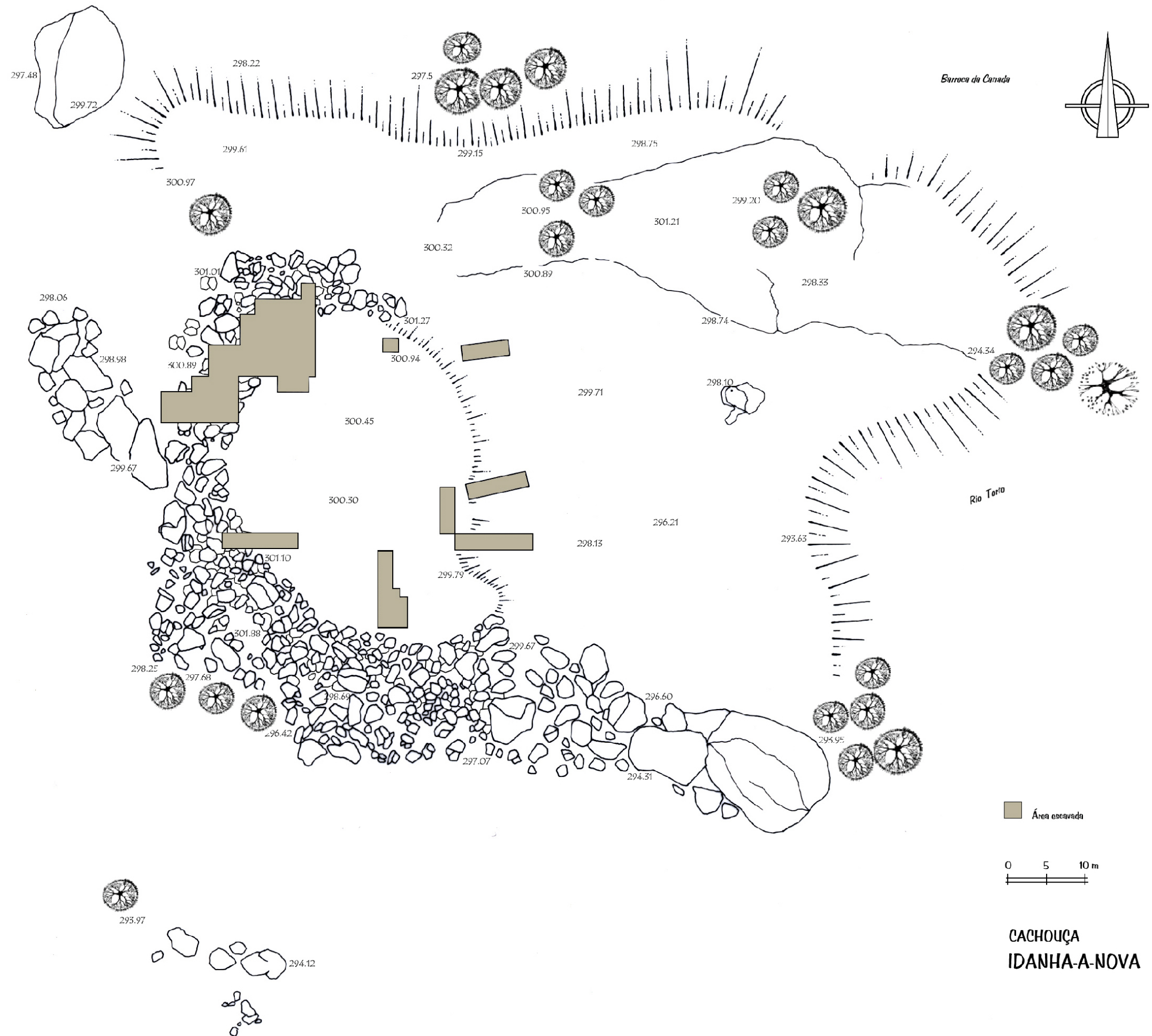


Fig. 2 (ao lado, em cima) - Esporão da Cachouça (vista desde a margem esquerda do rio Torto).

Fig. 3 (ao lado, em baixo) - Esporão da Cachouça (vista aprox. E/SE).

Fig. 4 (em cima) - Projecção ortográfica do levantamento topográfico, observando-se o relevo correspondente ao talude.

Fig. 5 (página ao lado) - Planta geral com indicação das áreas escavadas.



Um dos animais integra o punho, fragmentado, de um espeto rotativo em bronze de que se achou, ainda, parte da respectiva haste, em ambos os casos durante trabalhos de prospecção (Fig. 6 e 7). Na parte superior da pega encontra-se um pequeno quadrúpede estilizado, sem cabeça, que se orientava para a extremidade distal da haste, i.e., em direcção à parte activa do objecto. As patas convergem entre si, como sucede noutras peças congéneres (v.g. Notre-Dame d'Or e Monte Sa Idda). A cauda, curta e arrebitada, lembra os *faon aux oiseaux* da arte paleolítica madalenense dos Pirenéus. As proporções das patas relativamente ao corpo, e a forma da cauda, permitem defender que se tratará de um cervídeo ou de um caprino.

Os espetos articulados que em território português ascendem a, pelo menos, uma dúzia, alguns com figuração zoomórfica, consubstanciam sofisticada qualidade de fabrico, numa combinação do método da cera perdida, fundição adicional e martelagem (Armbruster, 2002/03). Tal mestria, associada à raridade destas peças e à simbologia figurativa, resulta num desenho de grande originalidade que permite a rotação dos espetos com apoio numa peça fixa. A sua manipulação em rituais de comensalidade, tal como o uso de ganchos de carne e de caldeirões, coloca essas peças entre as mais distintas produções dos artesãos do Bronze Final do mundo atlântico (Armada e Vilaça, 2016).



Fig. 6 - Punho de espeto rotativo com representação de quadrúpede.

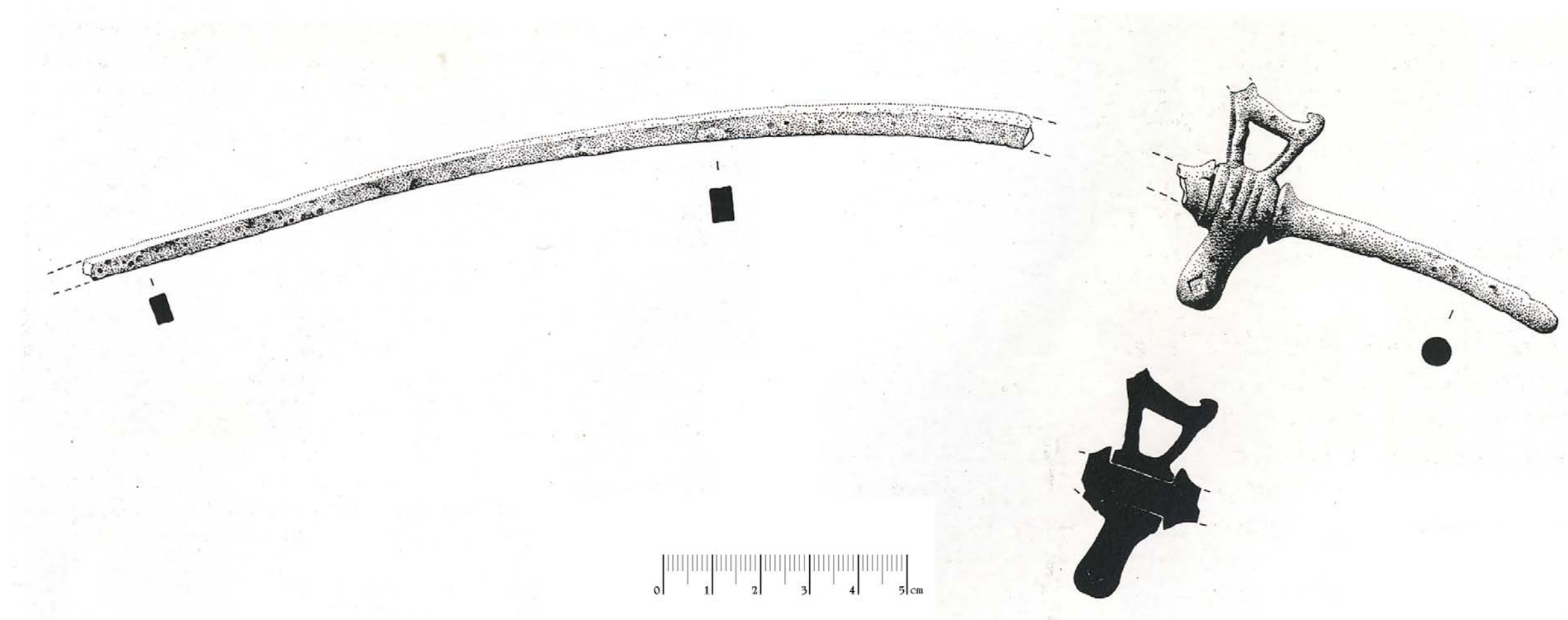


Fig. 7- Espeto, com punho e haste.

O segundo animal é uma miniatura, também em bronze, que se encontra completa, mas em mau estado de conservação (Fig. 8). Todavia, a identificação do animal não é imediata, não é óbvia. O corpo foi intencionalmente remetido para segundo plano, dando-se primazia à cabeça. Nesta sobressaem o focinho e, sobretudo, duas protuberâncias simétricas talvez demasiado expressivas para serem vistas como simples orelhas; deverão representar os cornos, que tornariam, que tornam (?), o animal num bovino. A cauda, particularmente destacada, é arredondada, porém. Trata-se de uma figurinha avulsa com a base ligeiramente convexa, pormenor que sugere ter sido pensado para adaptação deste bronze figurativo sobre um suporte, sendo impossível dizer de que tipo.

O terceiro animal é uma terracota, acéfala, faltando-lhe também a metade inferior do corpo (Fig. 9 e 10). Tem forma ovoide, conservando o dorso e a parte traseira, que é arredondada, sem vestígio algum de cauda. A peça é maciça, de pasta grosseira e tom acastanhado. A superfície foi alisada, possuindo inúmeras perfurações subcirculares, com profundidades distintas. Se algumas são superficiais, i.e., talvez meramente decorativas, outras são suficientemente profundas para nelas se poder fixar alguma coisa. De novo, a identificação do animal não é inequívoca. Poderá tratar-se de uma ave, mas também de um mamífero, um suíno, ou até mesmo de um ouriço cacheiro.

Ave ou mamífero, o que parece sugestivo nesta peça é a existência das perfurações distribuídas pelo dorso, as quais deveriam ser destinadas à implantação de penas, de cerdas, de pelos, que dariam maior realismo à figura (Vilaça, 2000; 2013). Esta ideia, inspirada na proposta de Mata Carriazo (1973) para a figura em forma de ave que encontrou no então considerado “poblado bajo” de El Carambolo, tinha sido igualmente acolhida



Fig. 8 - Figurinha zoomórfica, talvez de bovino.

na interpretação do zoomorfo de Neves I, considerado como um suíno (Maia e Maia, 1986). Trata-se de uma peça morfológicamente muito semelhante à que se analisa, porém com uma diferença fundamental: é oca, tal como a de Cabeço Redondo, a que se atribuiu funcionalidade equivalente à de um queimador (Soares e Soares, 2016). Independentemente da maior ou menor semelhança formal, parece-nos importante, se pretendêssemos agora aprofundar a questão, atender a esta situação de oco/ maciço, que as duas aves do Morro de Mesquitilla tão bem representam (Schubart, 1983).

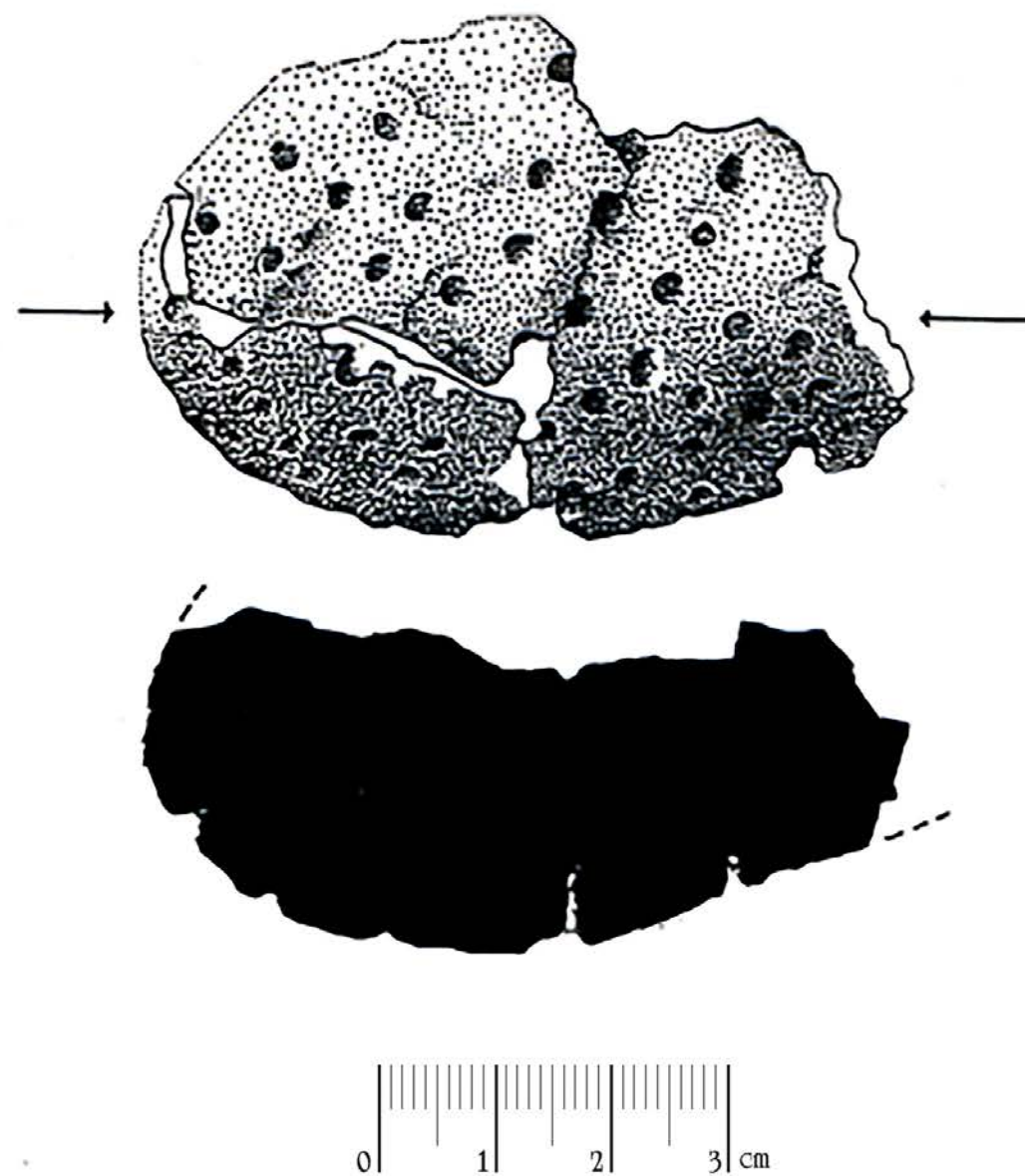


Fig. 9/10 - Terracota representando animal com o corpo repleto de perfurações.

Deixando para trás a riquíssima produção plástica antropomórfica e zoomórfica de pequenas figurinhas do Neolítico Final/ Calcolítico, que nos levaria, por exemplo, de Leceia aos Perdigões, e após um longo interregno que atravessou a Idade do Bronze, praticamente anicónica, será só na sua derradeira fase que voltamos a encontrar no registo arqueológico do território português alguns elementos figurativos.

A representação de aves e quadrúpedes tem expressão quase pan-europeia, assumindo especial riqueza iconográfica e diversidade de suportes no mundo dos “Campos de Urnas” e áreas mais directamente associadas. Ao contrário, no mundo atlântico limita-se praticamente a alfaiais rituais, como é o caso dos ganchos e espetos com imagens incorporadas, materializando também uma nova estética. Os bronzes figurativos sardos não poderiam deixar de ser igualmente chamados à discussão (se a fizéssemos agora) nesta matéria e no âmbito das conexões atlântico-mediterâneas. Mas teremos de aguardar pela fase seguinte para que a iconografia própria do Mediterrâneo mais oriental se manifeste indelevelmente a ocidente.

Se a temática ornitomórfica da I Idade do Ferro é tema bem conhecido no Ocidente peninsular (Arruda, 2016), a representação escultórica de mamíferos não deixa de o ser também, encontrando-se touros, suínos, cervídeos, e até felinos e toupeiras, se atendermos a alguns dos trabalhos pioneiros (Beirão e Gomes, 1984) e se alargarmos ainda a nossa atenção ao Centro-Oeste francês (Pautreau, 1984).

Em todas estas geografias culturais as figurações de aves fazem parte dos respectivos repertórios ideológicos, sucedendo o mesmo com a imagem de cervídeos e de bovinos. Relacionados com a simbólica funerária e de ressurreição, pelas galhadas que caem e renascem anualmente, pela força, ou pelo movimento expresso no voo das aves, elo de ligação entre a terra e o céu, todas as imagens desses animais terão cumprido funções rituais, apotropaicas, ou de índole religiosa, em distintos tipos de contextos, funerários, habitacionais e cultuais.

O interesse da iconografia zoomórfica proto-histórica é tão grande quanto a sua complexidade, inscrevendo-se no magno problema, com implicações a nível ideológico e social, das relações entre humanos e animais, animais que tanto se adoram como se diabolizam, se mimetizam como se antropomorfizam. A fronteira entre uns e outros nem sempre é óbvia, como também parece ser importante notar que nem todos os animais representados se consumiam. Estudos que explorem abordagens conjuntas à iconografia e a restos de faunas devem ser incentivados (Rodrigues, 2021).

Colocando-se o problema de o arqueólogo (não) poder aceder às acções do passado, o Professor Jorge de Alarcão (1993/94) observou, porém, que as pode imaginar, tal como um investigador criminalista. Não presenciando, pode representar a acção.

Chegados aqui e como vimos, nenhuma das figurinhas da Cachouça nos deixa seguros quanto aos animais representados. Essa insegurança dá-nos liberdade de fazer com elas propostas que o leitor avaliará e que cabem numa publicação onde se valoriza a imagem em detrimento da palavra argumentada. As cabeças imaginadas (Fig. 11 e 12), a pelagem e os espinhos (Fig. 13 e 14) e a plumagem (Fig. 15) com que completámos e cobrimos duas das figurinhas tratadas neste texto são pura especulação, mas não especulação despropositada.



Fig. 11- Representação imaginada de cabeça de veado.



Fig. 12 - Representação imaginada de cabeça de bode.

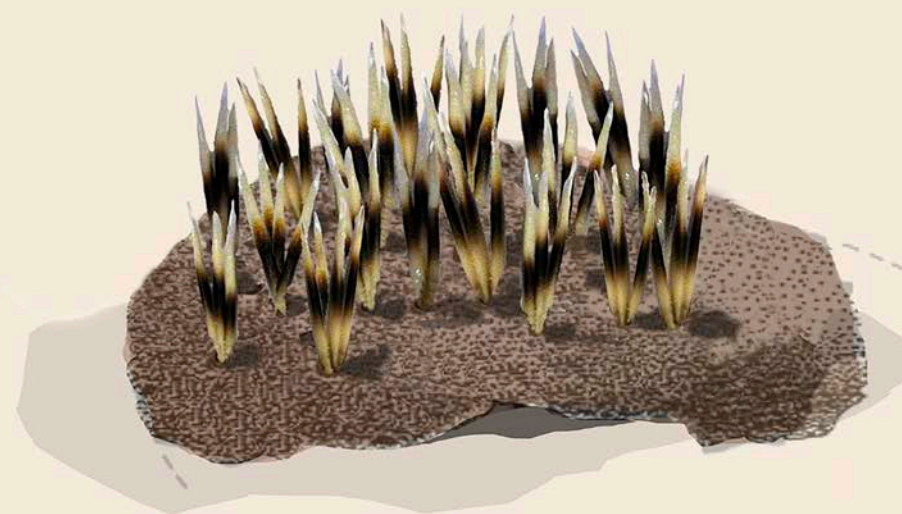


Fig. 13 (em cima, à esquerda) - Representação imaginada de javali com cerdas implantadas nos orifícios.

Fig. 14 (em cima, à direita) - Representação imaginada de ouriço cacheiro com picos implantadas nos orifícios.

Fig. 15 (ao lado) - Representação imaginada de ave ou pássaro com penas implantadas nos orifícios.

BIBLIOGRAFIA

Alarcão, J. (1993/94). A Arqueologia e o Tempo. Conimbriga, XXXII-XXXIII, p. 9-56.

Armada, X.-L.; Vilaça, R. (2016). Rituales de comensalidad en el Bronce Final de la Iberia atlántica: artefactos metálicos, contextos y interpretación. In: Vilaça, R. e Serra, M. (eds.). *Matar a fome, alimentar a alma, criar sociabilidades. Alimentação e comensalidade nas sociedades pré e protohistóricas*. Coimbra: Instituto de Arqueologia/FLUC, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, Palimpsesto Lda., p. 127-158. http://www.uc.pt/fluc/iarq/pub_online/pdfs_online/2016_comensal

Armbruster, B. (2002-03). A metalurgia da Idade do Bronze Final atlântico do Castro de Nossa Senhora da Guia, de Baiões (S. Pedro do Sul, Viseu). *Estudos Pré-históricos*, X-XI, p. 145-155.

Arruda, A. M. (2016). À vol d'oiseau. Pássaros, passarinhos e passarocos na Idade do Ferro do Sul de Portugal. In: Sousa, A. C.; Carvalho, A.; Viegas, C. (eds.). *Terra e Água. Escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em homenagem a Victor S. Gonçalves*. Lisboa: Uniarq, p. 403-423.

Beirão, C. M.; Gomes, M. V. (1984). Coroplastia da I Idade do Ferro do Sul de Portugal. In: *Volume d'hommage au Géologue Georges Zbyszewski*. Paris: Éd. Recherche sur les Civilisations, p. 431-468.

Maia, M.; Maia, M. (1986). *Arqueologia da área mineira de Neves-Corvo. Trabalhos realizados no triénio 1982-84*. Somincor.

Mata Carriazo, J. (1973). *Tartessos y El Carambolo*. Madrid.

Pautreau, J.-P. (1984). Figurations humaines et animales du Ier Age du Fer dans le Centre-Ouest de la France. In: *Éléments de Pré et Protohistoire Européenne. Hommages a Jacques-Pierre Millotte, Annales Littéraires de l'Université de Besançon*. Paris: Les Belles Lettres, p. 449-457.

Rodrigues, M. (2021). *Figurações Zoomórficas no Bronze Final Atlântico: Materiais, Contextos, Comensalidade e Simbolismo*. Coimbra: FLUC [dissertação de mestrado em Arqueologia e Território].

Schubart, H. (1983). Morro de Mezquitilla. Vorbericht Über die Grabungskampagne 1982 auf dem Siedlungshügel an der Algarrobo-Mündung. *Madrider Mitteilungen*, 24, p. 104-131.

Soares, R.; Soares, A. M. (2016). O Cabeço Redondo (Moura). Um edifício monumental e singular na margem esquerda do Guadiana. In: Jiménez Ávila, J. (ed.), *Sidereum Ana III. El río Guadiana y Tartessos*. Mérida, p. 421-441.

Vilaça, R. (1990). Broche à rôtir articulée de Cachouça (Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Portugal). *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, t. 87(6), p. 167-169.

Vilaça, R. (2000). Notas soltas sobre o património arqueológico do Bronze Final da Beira Interior. In: Ferreira, M. C. et al. (eds.), *Beira Interior. História e Património [Actas das I Jornadas de Património da Beira Interior*. Guarda, 1998]. Guarda, p. 31-50.

Vilaça, R. (2007). A Cachouça (Idanha-a-Nova, Castelo Branco). Construção e organização de um caso singular de inícios do I milénio AC. In: Jorge, S. O. et al. (ed.). *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica [Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro]*, p. 67-75.

Vilaça, R. (2013). A presença mediterrânea no mundo interior beirão, centro de Portugal (sécs. XI/X-VII/VI A.C.). In: Arruda, A. M. (ed.). *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar. I [Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, vol. 1]*. Lisboa: Uniarq - Estudos e Memórias, p. 396-411.